

EDIÇÃO INSPIRADORA

Muniz, Fernando (org.). *As artes do entusiasmo*. A inspiração da Grécia antiga à contemporaneidade. [Coleção Estudos Clássicos. Volume I], Rio de Janeiro: FAPERJ, 7Letras, 2011, 112 pp.

*Uma embriaguez me faz arauto,
Sem medo ao jogo do mar alto,
Para erguer, de pé, este brinde*
“Brinde”, Stéphane Mallarmé

Embriaguez e engajamento (“Une ivresse belle m’engage”) raramente se associam talvez por isso, quando a associação acontece a imagem que gera pode parecer imprevisível, fragmentada, inaudita com uma exceção discutida longamente desde a antiguidade: a do poeta ou artista inspirado. O poeta, para ser poeta, deve estar embriagado, deve ter bebido o elixir da musa. Inclusive, no seio da própria modernidade – que por todos os meios tentou afastar a arte de qualquer relação com o incompreensível – Mallarmé retoma, em “Brinde”, o gesto da inspiração, levanta a taça para beber, colocar o elemento estonteante dentro de si: e entusiasmar-se. Esse gesto complexo, pelo qual se interpenetram o eu e o outro, o poeta e os deuses, o dentro e o fora, sob diversos pontos de vistas e através de diversos objetos, é o foco da instigante coletânea organizada pelo professor de filosofia da Universidade Federal Fluminense, Fernando Muniz.

A coletânea vem anunciar uma coleção promissora e necessária, a *Coleção Estudos Clássicos* projetada pelo Pólo de Estudos Clássicos do Rio de Janeiro, que reúne diversos laboratórios e programas de estudos em Filosofia e Letras, e que conta com o apoio da FAPERJ, a Fundação Biblioteca Nacional e a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Ao mesmo tempo, a coleção poderá permitir aos estudantes e pesquisadores de áreas afins à filosofia o acesso a uma genealogia – que passa pelas diversas fases do que se entende por clássico – de questões filosóficas e conceituais contemporâneas, mas não novas.

Na apresentação, Fernando Muniz deixa clara a importância da escolha das teorias e as artes do entusiasmo para o volume inaugural: se, por um lado, “o *entusiasmo* é, sem dúvida, o mais antigo e resistente modelo explicativo da criação poética” (p.13), por outro, esse modelo, tem sido o mais negado e discutido pelas teorias modernas – ou seja, dos últimos dois séculos – sobre a literatura. O termo *entusiasmo*, portanto, é logo no começo apresentado e desdobrado por Muniz com a ajuda da etimologia, mesmo que ela não seja

estável: *éntheos* qualificava a quem tem um deus dentro, ou que foi incorporado por ele. *Inspiratio* é, lemos, o termo latino que ressaltou um aspecto específico do termo grego: a relação do entusiasmo com o sopro, o sopro divino e ao mesmo tempo interior presente na respiração do inspirado. Nesse sentido, continua Muniz, “do caráter público e performático do *enthousiasmós* grego até a *inspiração* privada do ‘gênio’ romântico, muitos foram os desvios no caminho que fizeram com que os dois termos ora se aproximassem ora se afastassem” (p.14); e anuncia desse modo o que, no final das contas, acharemos nos interessantes e diversos cinco ensaios que completam o volume.

O primeiro, do professor da UFMG Jacyntho Lins Brandão, aborda o trânsito da noção de *entusiasmo*, na antiguidade grega, entre uma experiência religiosa e uma artística. Partindo da reflexão platônica do *Íon*, onde o poeta inspirado se acha “fora de si”, Brandão mostra em que medida a musa vai se deslocando e perdendo a sua importância na origem criativa, passando a serem centrais as capacidades de Homero como criador/narrador e, por extensão, mostrando a centralidade do literato moderno como construtor.

O próprio organizador Fernando Muniz, no segundo ensaio, aborda as leituras desse mesmo texto matriz em torno do entusiasmo, o *Íon* de Platão, feitas por Shelley e Goethe. Leituras antagônicas mas ambas feitas no coração da formação do movimento romântico alemão. Partindo da constatação da contraposição, Muniz ensaia a própria leitura, seguindo o encadeamento metafórico e magnético do diálogo platônico, resultando em uma leitura temperada que afasta Sócrates da acusação de apresentar posicionamentos apriorísticos, seja a favor ou contra a poesia.

Já no terceiro ensaio, o também professor da Universidade Federal Fluminense e editor da excelente revista virtual *Viso. Cadernos de estética aplicada*, Vladimir Vieira, parte da apresentação de dois espectros de aplicação da noção de entusiasmo na Alemanha do século XVIII: por um lado, o *entusiasmo* estaria relacionado com a inspiração e a criação artística; por outro, na sua derivação *Schwärmen* – literalmente “enxame” – referiria ao agrupamento de indivíduos: entusiasmados que realizam ações coletivas, mesmo que de forma desordenada, derivando inclusive no fanatismo. A diferença que existe entre uma idéia e outra, apesar de ter sido historicamente confundida seria, segundo Vieira desenvolve ao longo do artigo, substancial para compreender as reflexões que Kant dedica ao tema do *entusiasmo* em algumas passagens, especialmente, de *Crítica da faculdade do juízo*.

Se o texto de Vieira pode ser pensado como um solo filosófico para que os pesquisadores das artes abordem a questão do entusiasmo, o ensaio seguinte, do professor de Teoria Literária da Universidade do Estado de Rio de Janeiro Júlio França vai explicitar

e explicar a moderna – e já tradicional – rejeição das teorias do entusiasmo, por parte da teoria literária (especialmente a acadêmica, principal herdeira das visões formalistas). A contraposição não surpreende: as do entusiasmo são teorias que se abismam sobre um fator do trabalho artístico que insiste em permanecer não dito, não explicável, irreduzível. As Teorias da Literatura acadêmicas, pelo contrário, QUE colocam o peso ora na materialidade do texto ou ora na sua recepção, tiveram que se negar a pensar a criação. Para realizar o pertinente movimento de reconduzir do pensamento sobre o entusiasmo para o pensamento sobre a literatura, França se arrisca ao tomar como fortes pilares da sua argumentação as declarações dos próprios artistas sobre a sua produção. Artistas de fama formalista – como João Cabral – mas que não deixariam de reconhecer algo de não explicável, uma disposição peculiar na hora de escrever.

Como se levantasse a luva da reflexão de França, o poeta Antônio Cícero fica encarregado do último ensaio. Porém, o poeta não tenta dar testemunho da própria produção em termos entusiasmados ou não. Cícero encara neste “As Musas e a liberdade poética” uma árdua e belíssima odisséia pela *Odisséia* de Homero para tentar sustentar a possibilidade de pensar o poema a partir da sua origem divina e, mesmo assim, apontar de que forma essa mesma origem divina outorga ao poeta liberdade e autonomia em relação ao político, ao ético ou à verdade. “Sua única consideração é precisamente estética” (p.90). Autonomia e importância estética que, anunciadas na antiguidade, dirá Cícero, ganham todos os espaços na era moderna.

Já no final, os leitores entusiasmados com o assunto devem agradecer uma estudada bibliografia (complementar das referências nas notas de rodapé) que, ao mesmo tempo, levando em conta as pouquíssimas referências a textos publicados a partir de 2000, testemunham a ausência de pesquisas sobre o tema realizadas nos últimos anos.

Mas não termina aí: vale ainda destacar o “brinde” que aparece nas últimas quatro páginas. Vladimir Garcia traduz o “Platão como partícipe de uma revelação cristã”, de Goethe, onde o alemão reflete, justamente, dando as bases da concepção romântica e moderna de inspiração. Goethe aproxima anacronicamente a idéia de revelação cristã ao movimento que realiza Platão – ou Sócrates – ao humilhar Íon quem, ao longo do diálogo, de um rapsodo talentoso e esforçado, passa a ter que “reconhecer-se como um homem que foi entusiasmado [*begeistert*] por meio de uma imediata inspiração divina” (p.110). Goethe, no furibundo texto, mostra que Sócrates, fazendo uso de artimanhas discursivas e se mostrando como único detentor possível de sabedoria, acaba deixando a Íon a cruel escolha entre se admitir um idiota ou um homem tocado pela revelação divina. Ou seja,

entre um simples mentiroso que diz saber sobre condução de exércitos, marcenaria e medicina quando apenas imita, ou um lírico inspirado, mais próximo ainda da verdade que os próprios filósofos. Goethe, fiel ao seu tempo, afasta a inspiração da divindade ou da idéia de revelação vinda de fora, para colocar o peso nas paixões do artista, no gênio, das quais um poeta é capaz. “Já passou o tempo em que as sibilas profetizavam sobre a terra” (p.112).

Voltemos, para fechar, a Mallarmé. “Brinde” pode ser pensado como um sintoma ao mesmo tempo do ápice da modernidade e da sua crise, da centralização do homem e sua interioridade e o esfacelamento das certezas da expressão de um eu, da importância da inspiração e a sua impossibilidade de continuar localizando-se no interior do sujeito. Do mesmo modo, podemos pensar que a vontade de alguns pesquisadores e intelectuais de pensar o entusiasmo, ou seja, de pensar ateia e novamente em deus, vem apontar que a inspiração não pode continuar ficando de fora, que o entusiasmo é parte central dos problemas da arte contemporânea, da crítica e de nossa cultura.

Um brinde a uma coletânea instigante. E que os deuses acudam.